



# AS CASAS NA COLEÇÃO DO CAM

HOUSES IN THE  
CAM COLLECTION

20 de novembro de 2015 a 30 de outubro de 2016

CAM - Hall e Nave



20 November 2015 to 30 October 2016

CAM - Hall and Gallery o

Manuel Amado, *Quarto Interior* [Interior Room], 1993

# AS CASAS NA COLEÇÃO DO CAM



Atualmente, numa época caracterizada pela mobilidade, desorganização do espaço e vivência num mundo virtual, as casas continuam a distinguir-se por serem lugares de intimidade, abrigo e segurança, repletas de memórias. Esta exposição percorre o século XX, com trabalhos de escultura, instalação, pintura, vídeo e fotografia, de artistas como Ana Vieira, Rachel Whiteread ou José Pedro Croft, mas centra-se igualmente num considerável número de obras produzidas recentemente, como são disso exemplo os trabalhos de Heimo Zobernig, Thomas Weinberger, Gil Heitor Cortesão ou Leonor Antunes.



## CENTRO DE ARTE MODERNA GULBENKIAN

Today, in an era marked by constant movement, chaotic spaces and immersion in a virtual world, houses continue to set themselves apart as intimate places that are full of memories and offer shelter and safety.

This exhibition spans the 20th century, featuring sculptures, installations, paintings, video works and photography by artists such as Ana Vieira, Rachel Whiteread and José Pedro Croft, but it also focuses on a large number of works produced in recent times, including pieces by Heimo Zobernig, Thomas Weinberger, Gil Heitor Cortesão and Leonor Antunes.

## HOUSES IN THE CAM COLLECTION

## AS CASAS NA COLEÇÃO DO CAM

A nossa época caracteriza-se pela mobilidade, desorganização do espaço e busca permanente de vivência num espaço virtual. Nesta exposição, as casas continuam a distinguir-se por serem lugares de intimidade, abrigo e segurança, repletas de memórias, independentemente da sua tipologia.

Como nos explicita Vitruvius no *De Architectura*, a história mítica da «cabana primitiva» surge como o primórdio de união entre Arquitetura e Natureza. A essência da casa, que pode ser pensada a partir dos materiais mais básicos que a compõem, encontra no chão e no teto, nas portas e nas janelas, a sua construção primeira. É disso exemplo *Objecto – Porta* (1975), de **Ana Vieira** (Coimbra, 1940), que nos convida à sua passagem, desafiando-nos a entrar e provocando um confronto imposto pela porta entreaberta. Já as portas nas pinturas de **Manuel Amado** (Lisboa, 1938), *Casa de Banho* (1982) e *Quarto Interior* (1993), simbolizam a entrada para o espaço íntimo do quarto de dormir e da casa de banho, prolongando a aura protetora que emana do seu interior.

Por oposição aos «não lugares» de Marc Augé<sup>1</sup>, com o intuito de definir espaços de passagem, lugares ausentes, de instrução momentânea, ganham força os «lugares de memória» de Pierre Nora<sup>2</sup>, sítios de memória, onde se cristaliza a memória da sociedade e do indivíduo, num reconhecimento identitário geral e particular. Para Pierre Nora, a memória e a história revelam um confronto entre elas. A Memória com origem nos espaços, nos gestos, nas imagens e nos objetos é absoluta; ao invés, a História é a relação entre as coisas, numa continuidade temporal, envolvendo o relativo. A ideia de memória nesta exposição destaca-se precisamente por ser um espaço de identidade, de lugares obrigatórios e necessários. As obras que ocupam o *hall* e a nave do CAM abrigam moradas; são regiões, cidades, prédios, cafés, museus, casas, castelos, ruína de templo, interiores de habitações, onde muitas vezes a ausência humana se faz sentir, ou onde a presença é uma ausência, como no díptico de **Filipa César** (Porto, 1975), *Product Displacement [Deslocação de Produto]*, (2002). Neste vídeo, as pessoas atravessam a casa mas não comunicam entre elas, como se apenas preenchessem a função dos objetos em torno delas. Esta ausência-presença humana é visível até mesmo nos espaços isolados de **Jorge Varanda** (1953-2008), onde as personagens se identificam no ambiente cru, vazio, na própria matéria arquitetónica.

Entre os espaços vazios, em moradas ausentes, encontramos a complexa estrutura metálica retangular de grandes dimensões e espelhos de **José Pedro Croft** (Porto, 1957), *Sem Título* (1998), que procura o reflexo do público, incluindo-o na obra; com o mesmo intuito refletor, mas entre o opaco e o espelhado, *desenho de construção com casa. e céu* (2005), de **Carlos Nogueira** (Lourenço Marques, 1947), encostado à parede do museu, envolve o observador. O enlaçamento entre arquitetura e público, entre interior e exterior, é reforçado pelas palavras de Mia Couto: «Carlos Nogueira me ensina como os sábios construtores de Niassa: a casa não é onde o homem se fecha. É onde o Homem se abre para dentro.»<sup>3</sup>



Jorge Varanda, *Sem Título* [Untitled], 1990



Jorge Varanda, *Sem Título* [Untitled], 1990

Visando a memória do espaço com mais ou menos intensidade, **Rachel Whiteread** (Londres, 1963) «evoca as suas memórias de infância» em *Yellow Leaf [Folha Amarela]* (1989), «nome da folha de fórmica que servia para aumentar a mesa da cozinha da avó da artista, quando família e amigos se reuniam». <sup>4</sup> No seu percurso artístico durante a década de 1980, Rachel Whiteread criou moldes de objetos domésticos dando visibilidade ao vazio, ao espaço negativo, e na década seguinte transferiu-os para espaços arquitetónicos. Espaços íntimos viajam nesta exposição, quer em *Penélope*, obra realizada em 2000, por **Ana Vidigal** (Lisboa, 1960), quer em *Tiempo Sosegado*, de 1985, de **Esperanza Huertas** (Ciudad Real, 1925 – Madrid, 2014). *Penélope* é constituída por um colchão coberto de cartas da correspondência que os pais da artista mantiveram durante a guerra. São memórias de vida perpetuadas num espaço pessoal, lugar de amor e intimidade. *Tiempo Sosegado* representa uma miríade de objetos domésticos espalhados pela sala, entre antiguidades, flores, livros, jogos, uma presença lúdica num colorido inquietante que marca as pinturas da artista espanhola.

Entre o interior e o exterior, esta mostra percorre o espaço arquitetónico citadino. **Thomas Weinberger** (Munique, 1964) apresenta-nos três fotografias da cidade de Lisboa. As imagens que nos propõe são quase surreais na medida em que a sua técnica resulta de duas fotografias iguais tiradas no mesmo lugar, mas uma durante o dia e outra durante a noite. Nesta atmosfera quase ficcional, a composição dos edifícios fotografados ganha uma dimensão espectral, surgem linhas e atmosferas que não conhecíamos e somos convidados a percorre-las. A força da arquitetura e de um lugar perto do imaginário também está presente no trabalho de **Gil Heitor Cortesão** (Lisboa, 1967). No díptico de 2004, *Sem título (Manifestação)*, o artista apresenta uma cidade invadida por uma multidão que a atravessa, numa atmosfera esfumada, espécie de sonho ou representação de uma cidade futurista/fantasiasta. Embora na pintura *Party Room [Salão de Festas]*, de 2012, esteja ausente a figura humana, a animada envolvente deste interior mostra que já terá sido ocupado ou será ocupado em breve. As cenas representadas por Gil Heitor Cortesão estão constantemente rodeadas de mistério e de uma ávida relação entre memória e esquecimento, o que resulta em parte da técnica utilizada pelo artista: o óleo sob o plexiglas, um material transparente. Cortesão utiliza o plexiglas para pintar na parte de trás do quadro, sendo esta a pintura que o observador não está a ver, criando uma textura muito característica do seu trabalho.

E é dentro do universo do *design* e da arquitetura que **Leonor Antunes** (Lisboa, 1972) trabalha. A instalação recentemente adquirida pelo CAM parte de uma tipologia da sua filiação minimalista, mas juntando materiais tradicionais como o couro, a madeira e a corda, usados no artesanato oriundo do México ou de Portugal. Nesta instalação, os biombo têm a função de dividir espaços, e as peças de couro no chão cumprem igualmente o mesmo propósito de separar o espaço e assim poder estabelecer uma interação com o público que atravessa este lugar, num movimento de deslocação importante na construção de uma narrativa pessoal para a artista.



**Rachel Whiteread**, *Yellow Leaf* [Folha Amarela], 1989

Ainda com uma função cenográfica, como se dos bastidores de um museu se tratasse, *Sem título* (2007/2008) de **Heimo Zobernig** (Mauthen/Kärnten, 1958) é uma grande instalação com as longas cortinas RGB (vermelhas, verdes e azuis – utilizadas em planos de fundo de filmagens), que cortam também o espaço e criam novos enquadramentos espaciais, visto que as cortinas passam a ser as paredes onde estão pendurados os quadros, ou encostadas as estantes. Heimo Zobernig propõe a construção de uma casa, uma casa desafiante, mas também protetora, neste caso – referimo-nos ao próprio museu.

**Patrícia Rosas Prior**

---

<sup>1</sup> Marc Augé. *Non-Places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity*. London and New York: Verso, 1995.

<sup>2</sup> Pierre Nora, «Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire», in *Representations*, No. 26, *Special Issue: Memory and Counter-Memory*, Spring 1989, pp. 7-24.

<sup>3</sup> Carlos Nogueira. *desenhos de construção com casa. e céu*. Almada: Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, 2006, p. 76 (catálogo).

<sup>4</sup> Ana Vasconcelos, «Rachel Whiteread», in *100 Obras da Coleção do CAM*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Almedina, 2010, p. 170.



Ana Vieira, *Objecto – Porta* [Object - Door], 1975  
©Ana Vieira

## **Oh as casas as casas as casas**

Oh as casas as casas as casas

as casas nascem vivem e morrem

Enquanto vivas distinguem-se umas das outras

distinguem-se designadamente pelo cheiro

variam até de sala pra sala

As casas que eu fazia em pequeno

onde estarei eu hoje em pequeno?

Onde estarei aliás eu dos versos daqui a pouco?

Terei eu casa onde reter tudo isto

ou serei sempre somente esta instabilidade?

As casas essas parecem estáveis

mas são tão frágeis as pobres casas

Oh as casas as casas as casas

mudas testemunhas da vida

elas morrem não só ao ser demolidas

Elas morrem com a morte das pessoas

As casas de fora olham-nos pelas janelas

Não sabem nada de casas os construtores  
os senhorios os procuradores  
Os ricos vivem nos seus palácios  
mas a casa dos pobres é todo o mundo  
os pobres sim têm o conhecimento das casas  
os pobres esses conhecem tudo  
Eu amei as casas os recantos das casas  
Visitei casas apalpei casas  
Só as casas explicam que exista  
uma palavra como intimidade  
Sem casas não haveria ruas  
as ruas onde passamos pelos outros  
mas passamos principalmente por nós  
Na casa nasci e hei-de morrer  
na casa sofri convivi amei  
na casa atravessei as estações  
Respirei – ó vida simples problema de respiração  
Oh as casas as casas as casas

## HOUSES IN THE CAM COLLECTION

Our era is marked by constant movement, chaotic spaces and a continual striving to exist in a virtual space. This exhibition reveals that houses continue to distinguish themselves as intimate places that, regardless of the form that they take, are full of memories and offer shelter and safety.

As Vitruvius explains in *De Architectura*, the mythical story of the “primitive hut” is the primordial fruit of the union between architecture and nature. The essence of the house, which can be considered in terms of its most basic materials, comes down to the floor and the roof, the doors and the windows – in other words, its essential structure. One example of this is *Objecto – Porta [Object – Door]* (1975) by **Ana Vieira** (Coimbra, 1940), which invites us to walk through it, challenging us to enter and setting up a confrontation with the half-opened door. In the same way, the doors in the paintings by **Manuel Amado** (Lisbon, 1938), *Casa de Banho [Bathroom]* (1982) and *Quarto Interior [Inner Room]* (1993), symbolise entry into the intimate space of the bedroom and bathroom, extending the protective aura that emanates from within.

When compared with the “non-places” of Marc Augé<sup>1</sup>, which seek to define spaces that people pass through, spaces of absence, and spaces of a fleeting nature, Pierre Nora’s<sup>2</sup> “places of memory” have an even greater impact. These sites of memory preserve and crystallise the memories of society and individuals, in a kind of recognition that informs collective and individual identity. For Pierre Nora, memory and history are in conflict with one another. Memory, which has its origin in spaces, actions, images and objects, is absolute; by contrast, history is the relationship between things, and represents a temporal continuum that is inherently relative. The concept of memory stands out in this exhibition precisely because it denotes a space that informs identity through mandatory and necessary places. The works that occupy the hall and main room of the CAM are based on specific locations – regions, cities, buildings, cafés, museums, houses, castles, ruins of temples and dwellings in which we often perceive an absence of human life, or in which presence itself takes the form of an absence, as in the diptych by **Filipa César** (Porto, 1975), *Product Displacement* (2002). In this video, people walk around the apartment but do not communicate with one another, as though the others were simply objects positioned within their immediate surroundings. This presence yet absence of the human figure can also be seen in the isolated spaces of **Jorge Varanda** (1953–2008), where the characters can be identified through the rough, empty environment, and in the architectural material itself.

Among these empty spaces and undefined locations we encounter the large, complex, rectangular structure made of metal and mirrors by **José Pedro Croft** (Porto, 1957), *Untitled* (1998), which seeks out the reflection of the public, thus incorporating them into the work. The same quest for reflection, but this time focusing on the contrast between what is opaque and what is mirrored, and thus also drawing in the viewer, can be seen in *desenho*



**Carlos Nogueira**, *desenho de construção com casa. e céu* [construction drawing with house . and sky], 2005  
©Carlos Nogueira

*de construção com casa. e céu* [drawing of construction with house. and sky] (2005) by **Carlos Nogueira** (Lourenço Marques, 1947), which is placed against the wall of the museum. The bond between architecture and the public, between interior and exterior, is emphasised by the words of Mia Couto: “Carlos Nogueira guides me like the wise builders of Niassa: the house isn't where man shuts himself away; it is the place where man opens himself up to within”.<sup>3</sup>

**Rachel Whiteread** (London, 1963) treats the recollection of spaces with varying degrees of intensity by “evoking memories of childhood” in *Yellow Leaf* (1989), which refers to “the formica sheet that allowed the dinner table of the artist's grandmother to be extended when family and friends got together”.<sup>4</sup> In her work throughout the 1980s, Rachel Whiteread created moulds of domestic objects, making the negative spaces visible, while in the decade that followed she applied this technique to architectural spaces.

Intimate spaces appear throughout this exhibition, whether in *Penélope*, a piece created in 2000 by **Ana Vidigal** (Lisbon, 1960), or in *Tiempo Sosegado* [Quiet Time], from 1985, by **Esperanza Huertas** (Ciudad Real, 1925 – Madrid, 2014). *Penélope* consists of a mattress covered in letters that the artist's parents sent one another during the colonial war. They are memories of a life lived within a personal space of love and intimacy. *Tiempo Sosegado* depicts a myriad domestic objects strewn around the room, including antiques, flowers, books and games, bringing a playful dimension to the unsettling array of colours that characterise the paintings of the Spanish artist.

From inside to outside, the exhibition covers urban architectural spaces. **Thomas Weinberger** (Munich, 1964) presents three photos of the city of Lisbon. The images that he puts before us appear almost surreal due to the way in which two images of the same place, seen from the same position, are taken – one during the day and the other at night-time. This results in an almost fake-looking scene, while the composition of the photographed buildings acquires a ghostly dimension, and lines and auras that we don't recognise appear, inviting us to examine them more closely. The force of architecture and the places that feature in the imagination are also present in the work of **Gil Heitor Cortesão** (Lisbon, 1967). In his 2004 diptych *Sem título (Manifestação)* [Untitled (Demonstration)], the artist depicts a city invaded by a horde that passes through it in a cloud of smoke, as a kind of dream or representation of a futuristic, fantastical city. Although the painting *Party Room*, from 2012, is devoid of human figures, the festive interior suggests that it has just been occupied, or will be occupied very shortly. The scenes presented by Gil Heitor Cortesão are always steeped in mystery and evince a strong relationship between remembering and forgetting, in part due to the artist's technique of oil on plexiglass, a transparent material. Cortesão paints on the rear side of the plexiglass, the part of the painting that the viewer does not tend to see, thereby creating a texture that has come to characterise his work.

**Leonor Antunes** (Lisbon, 1972) works within the realm of design and architecture. The installation recently acquired by the CAM is one of a number of her pieces that take a

minimalist approach, but it also brings together traditional materials such as leather, wood and rope, all of which are used in crafts from Mexico or Portugal. In this installation the screens are used to divide up different spaces, while the pieces of leather on the ground also help to split up the space and thus set up a kind of interaction with the public that transcends this place, thus bringing a substantial element of displacement to the construction of a personal narrative about the artist.

In a scenographic piece that gives the impression that we are looking at the very backstage of the museum, *Untitled* (2007/2008) by **Heimo Zobernig** (Mauthen/Carinthia, 1958) is a large-scale installation that features the long RGB (red, green and blue) curtains used in the backgrounds when making films, which also cut up the space and create new spatial frameworks as the curtains become walls on which pictures are hung or against which shelves are positioned. Heimo Zobernig proposes the construction of a house that presents plenty of challenges but nevertheless offers protection, in this case within the museum itself.

## Patrícia Rosas Prior

---

<sup>1</sup> Marc Augé. *Non-Places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity*. London and New York: Verso, 1995.

<sup>2</sup> Pierre Nora, «Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire», in *Representations*, No. 26, *Special Issue: Memory and Counter-Memory*, Spring 1989, pp. 7-24.

<sup>3</sup> Carlos Nogueira. *desenhos de construção com casa. e céu*. Almada: Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, 2006, p. 76 (catalogue).

<sup>4</sup> Ana Vasconcelos, “Rachel Whiteread”, in *100 Obras da Coleção do CAM*. Lisbon: Calouste Gulbenkian Foundation/Almedina, 2010, p. 170.



**Heimo Zobernig**, *Sem Título* [Untitled], 2007/08  
©Heimo Zobernig, VBK 2015





Esperanza Huertas, *Tiempo Sosegado* [Tempo Tranquilo | Quiet Time], 1985

## EXPOSIÇÃO | EXHIBITION

CAM – Fundação Calouste Gulbenkian

Curadoria

Curator

**Isabel Carlos e | and Patrícia Rosas Prior**

Arquitetura e Coordenação Técnica

Architecture and Technical Co-ordination

**Cristina Sena da Fonseca**

Produção e Coordenação

Production and Co-ordination

**Rita Lopes Ferreira**

Registrar

**Rosário Ricardo**

Secretariado

Assistants

**Lígia Morais**

**Rosário Lourenço**

Equipa de Montagem

Construction Crew

**Carlos Catarino**

**Carlos Gonçalves**

**José António Nunes de Oliveira**

Design Gráfico

Graphic Design

**Pedro Leitão**

Instalação Gráfica

Graphic Installation

**Paulo Santos**

Serviços Centrais da Fundação Calouste Gulbenkian

Centralised Services of Fundação Calouste Gulbenkian

Luminotecnia

Lighting

**Manuel Mileu**

### CAM - Fundação Calouste Gulbenkian

Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078 Lisboa | Lisbon

Tel: +351 21 782 34 74

De 4<sup>a</sup> feira a 2<sup>a</sup> feira das 10h00 às 18h00

Wednesday to Monday from 10am to 6pm

Encerra às 3<sup>as</sup> feiras

Closed on Tuesdays

## VISITAS | GALLERY TALKS

À descoberta do CAM – visitas de domingo

13 de dezembro, 12 de janeiro

e 7 de fevereiro às 12h00

Visitas orientadas por Carlos Carrilho

Visitas para escolas e grupos organizados,

oficinas criativas para jovens e famílias

The education department provides group

gallery talks in English by appointment

Marcações / Informações

Booking / Informations

**Descobrir – Programa Gulbenkian Educação**

**para a Cultura e Ciência**

Tel. | Phone: +351 21 782 38 00

**descobrir.marcacoes@gulbenkian.pt**

**www.descobrir.gulbenkian.pt**

---

## CADERNO DO CAM | CAM BOOKLET

Coordenação | Co-ordination

**Isabel Carlos e | and Patrícia Rosas Prior**

Texto | Text

**Patrícia Rosas Prior**

Tradução | Translation

**Kennis Translations**

Revisão de Textos | Proofreading

**Sistema Solar / Helena Roldão**

Fotografia | Photograph

**Paulo Costa**

Design | Graphic Design

**Pedro Leitão**

Impressão | Printing

**GMT Gráficos**

Depósito Legal | Legal Deposit

ISBN: 978-972-635-307-2

Novembro 2015 | November 2015

---

## PRÓXIMAS EXPOSIÇÕES

UPCOMING EXHIBITIONS

**Pós-Pop | Post-Pop**

11.03.2016 › 13.06.2016

**Ana Torfs: Echolalia**

11.03.2016 › 13.06.2016

Gil Heitor Cortesão, *Sem Título (Manifestação)* (Untitled Demonstration), 2004



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN

Av. de Berna 45A  
1067 - 001, Lisboa  
[www.gulbenkian.pt](http://www.gulbenkian.pt)

VISITE A COLEÇÃO DO CAM EM  
EXPLORE CAM'S COLLECTION AT

[www.cam.gulbenkian.pt](http://www.cam.gulbenkian.pt)